

***Ateliers de Exploração e Investigação para uma outra
perspectiva das Actividades de Enriquecimento
Curricular***

Joaquim Soares

jdmsoares@yahoo.com

Universidade de Aveiro

Projecto PETIZ

Aveiro, Maio de 2010

Resumo

Um número cada vez maior de investigadores tem vindo a destacar a necessidade imperiosa de olhar o desenvolvimento do ser humano partindo de uma perspectiva abrangente. Para tal, faz-se necessário reconhecer, por exemplo, a existência de múltiplas inteligências e o papel fundamental de uma educação que assente na criatividade, na manutenção da curiosidade e na capacidade natural de deslumbramento que existe nos primeiros anos de vida da criança.

Depois de Portugal ter acolhido a Conferência Mundial de Educação Artística, promovida pela UNESCO, e a Comissão Europeia ter declarado 2009 como o “Ano da Criatividade e Inovação”, os responsáveis educativos do nosso país desaproveitaram estas oportunidades para implementar políticas de promoção objectiva e concreta de uma educação para a criatividade.

A implementação das chamadas Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC), por parte do Ministério da Educação, pode ser aproveitada como uma oportunidade para abrir um espaço mais desimpedido para a promoção de uma educação artística e criativa.

Este artigo analisa a experiência concreta adquirida, entre 2007 e 2010, na área de expressões artísticas, na sua componente de **Expressão Plástica**, num agrupamento escolar, acompanhando a “metamorfose” do projecto inicial em algo mais dinâmico e inovador.

Desta experiência surgiu uma nova abordagem da Expressão Artística nas AEC, que foi designada por “Atelier de Exploração e Investigação”.

Palavras chave: Educação Artística; Criatividade; Múltiplas linguagens; Actividades de Enriquecimento Curricular; Inovação; Experiência.

Introdução

Um número cada vez maior de investigadores tem vindo a destacar a necessidade imperiosa de olhar o desenvolvimento do ser humano partindo de uma perspectiva abrangente. Para tal, faz-se necessário reconhecer, por exemplo, a existência de múltiplas inteligências e o papel fundamental de uma educação que assente na criatividade, na manutenção da curiosidade e na capacidade natural de deslumbramento que existe nos primeiros anos de vida da criança.

A verdade é que o nosso sistema educativo tem educado as nossas crianças à margem da sua criatividade.

Portugal acolheu, em 2006, a Conferência Mundial de Educação Artística promovida pela UNESCO, cujo grande objectivo foi debater o papel da Educação Artística no desenvolvimento das capacidades criativas necessárias para o século XXI. Mais recentemente, a Comissão Europeia, ao declarar 2009 como o “Ano da Criatividade e Inovação”, manifestou a ideia de que uma das formas de promover a criatividade e a inovação é exactamente através da Educação Artística.

Durante este tempo, muito pouco foi feito pelos responsáveis educativos em Portugal para promover, logo a partir do 1.º Ciclo do Ensino Básico, uma educação para a criatividade. Apesar dos objectivos consagrados pelo Ministério da Educação ao nível da legislação, dos programas e orientações curriculares, e para além de alguns projectos pioneiros e intervenções direccionadas por parte de vários agrupamentos escolares, a verdade é que continua a faltar a promoção objectiva e concreta de uma educação para a criatividade.

AEC – Oportunidade para inovar

A implementação das chamadas Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC), por parte do Ministério da Educação, pode ser aproveitada como uma oportunidade para abrir um espaço mais desimpedido para a promoção de uma educação artística e criativa. Estou convencido que é possível que as AEC possam, dentro das suas limitações, contribuir para criar escolas em que é dada liberdade aos alunos para explorarem as suas múltiplas linguagens e inteligências, promovendo, para além das

competências linguísticas, matemáticas e científicas, também o sentido estético, a cooperação, a cidadania, a criatividade, a curiosidade e o poder do brincar.

Não cabe agora aqui debater as debilidades que caracterizam as AEC. Importa, sim, olhar de que forma se pode inovar uma opção pedagógica, de maneira a evitar que esta se transforme em mais uma pesada sobrecarga sobre os frágeis ombros das nossas crianças – “condenadas” que estão a longos períodos semanais em ambiente escolar. Cumpre também não esquecer a componente de aprendizagem, que deve estar sempre presente nas AEC, ainda que estas assumam um carácter não-formal e lúdico.

Experiência pedagógica com AEC

Convido os leitores a uma análise resumida da experiência concreta adquirida na área de expressões artísticas, na sua componente de **Expressão Plástica**, acompanhando a “metamorfose” do projecto inicial em algo mais dinâmico e inovador.

No agrupamento de Escolas de Eixo, concelho de Aveiro, foi tomada, há 3 anos atrás, a “corajosa” opção de incluir nas AEC uma componente artística, através da implementação das actividades de Expressão Plástica (e ainda Música e Drama), com o objectivo de proporcionar às suas crianças experiências e oportunidades de aprendizagem diversificadas.

Inicialmente, as actividades de Expressão Plástica desenvolvidas com os alunos partiam de um guião, previamente planeado, atendendo ao programa curricular da escola. Cedo se percebeu que este modo de organização e desenvolvimento de actividades era bastante limitado e impunha condicionamentos à livre expressão e ritmo individual dos alunos. Apesar de se procurar sempre manter o carácter lúdico das AEC, corria-se involuntariamente o risco de “transformar”, como tantas vezes acontece, estas actividades em períodos de aprendizagem formal. Para além disso, pretendia-se evitar que estas se tornassem em mais uma habitual “ocupação lectiva” para as crianças, com actividades que, a maioria das vezes, não eram do seu interesse. Verificou-se ainda que a forma como as AEC estavam organizadas produzia uma

desmotivação e potenciava, entre outros factores, um maior número de momentos de indisciplina.

Esta constatação levou a que se iniciasse uma reflexão mais aprofundada de como implementar um outro tipo de actividades, dirigido às potencialidades e liberdade de cada uma das crianças – e não decorrente daquilo que os adultos esperavam delas.

Como planear levando em conta os interesses dos alunos? Como seriam os blocos das actividades sem que todos os alunos tivessem de estar a fazer o mesmo, ao mesmo tempo? Como fomentar uma melhor articulação entre o professor das AEC e o professor titular de turma? Como relacionar os momentos de aprendizagem não-formal com o currículo do Ensino Básico?

Estas e muitas outras questões foram ponderadas. Por um lado, era necessário dinamizar as AEC de forma consistente com as directrizes do Ministério da Educação, por outro, era urgente tornar a organização/planificação suficientemente “fluídica” para que pudesse despontar o potencial de cada aluno e, por fim, que tudo isto fosse feito dentro de uma intencionalidade educativa saída do currículo emergente de cada criança.

Vale a pena referir que o planeamento de actividades, mesmo que lúdicas, deve ter sempre uma intenção educativa, o que significa suportar o desenvolvimento de novas competências, preparar para experiências significativas e ampliar o conhecimento.

Foram decididas três formas de desenvolvimento de actividades.

A 1.^a forma consistia em manter o uso do “guião de actividades” previamente delineado, sempre que o professor das AEC achasse conveniente. Haveria sempre alunos interessados e motivados a realizar actividades que partissem da sugestão do professor.

A 2.^a forma partia de um diálogo prévio entre o professor das AEC e o professor titular de turma, onde este sugeria um determinado tema ou ponto específico do currículo que gostaria de ver abordado, de forma livre e lúdica, durante as AEC. Pretendia-se, assim, dar a oportunidade para que os alunos, utilizando outras

linguagens, recursos e perspectivas, solidificassem o processo de aprendizagem de determinados aspectos do plano curricular. Todos os projectos eram “balizados” numa determinada área do currículo, sendo desenvolvidos de forma bastante ampla e o mais livre possível, para que cada criança pudesse expressar o seu interesse particular.

A 3.^a forma assentava numa cuidadosa observação e escuta, por parte do professor das AEC, dos interesses e motivações dos alunos. Partindo das sugestões explícitas ou implícitas destes, eram desenvolvidas “redes” de possibilidades que acabariam por “desaguar” nos mais variados projectos.

Estas três formas de planeamento das actividades eram complementares entre si. Numa mesma turma poderiam estar a desenvolver-se actividades previamente planeadas, actividades em articulação com o curricular e actividades sugeridas pelos próprios alunos.

O objectivo era criar um ambiente dinâmico, com diferentes níveis de envolvimento, dependendo das circunstâncias e dos interesses das crianças. Por outro lado, colocou-se um fim às actividades semanais (as AEC de Expressão Plástica, assim como várias outras, têm uma carga horária de 2 blocos de 45 minutos por semana). O que acontecia antes era que as crianças e o professor “pulavam” de actividade em actividade, semanalmente, num ritmo quase frenético. Agora, passavam a estar envolvidas em actividades e projectos que poderiam durar 1 ou 2 semanas, chegando algumas vezes a prolongar-se por 1 ou 2 meses. O “combustível” de cada projecto era a motivação de cada aluno. Chegou-se à conclusão que, mesmo as crianças mais pequenas, de 5 e 6 anos, mantinham o interesse num tema durante longos períodos de tempo.

Cada projecto ou actividade partia de um intenso diálogo entre o professor e os alunos. Cada criança ou grupo era responsável pelo planeamento da sua própria actividade, devendo fazer o levantamento das possibilidades de projectos, dos materiais necessários, do período de tempo previsto, entre outros aspectos. Da parte dos professores, existia um planeamento geral no início do ano e, posteriormente, sucessivos planeamentos específicos ao longo de cada mês. Para qualquer um dos casos existia sempre articulação e registos formais.

Os professores passaram a “seguir” mais as crianças e menos os guiões e os planos. Isto não significou, obviamente, que tudo fosse conduzido de improviso, nem no acaso, pelo contrário. Intensos diálogos entre os alunos e o professor resultaram em planeamentos bastante completos e complexos. O nível de exigência tornou-se muito maior do que quando as crianças se limitavam a seguir as actividades propostas pelo professor. Os alunos eram levados a assumir a responsabilidade da planificação e de uma parte significativa da sua aprendizagem. O professor capacitou-se a trabalhar com menos certezas e mais com incertezas e inovações.

O importante não era a quantidade de actividades em que os alunos se envolviam, mas a qualidade das experiências e as possibilidades de exteriorizar intensamente a sua criatividade. Desde modo, a ênfase deixou de ser colocada na realização de meras actividades de expressão plástica – este ponto foi de absoluta importância. A intenção não era que as crianças produzissem meros desenhos, pinturas ou quaisquer “obras de arte”, mas antes que explorassem determinados temas do seu interesse, através do uso de diferentes linguagens (desenho, pintura, modelagem, fotografia, vídeo, etc.).

Faço aqui um parêntesis para dar uma explicação. Ao usar a expressão “linguagens”, quero referir-me às diferentes formas que as crianças (e todos os seres humanos) usam para representar, comunicar e expressar o seu pensamento em diferentes meios e sistemas simbólicos: linguagem matemática, linguagem visual, linguagem científica, linguagem poética, linguagem gráfica, entre outras. Entendidas desta forma, as diferentes linguagens representam as muitas fontes de conhecimento.

Prosseguindo. Outro aspecto relevante foi a importância dada à possibilidade de os alunos poderem criar artefactos lúdicos com os quais pudessem posteriormente brincar. A maioria das produções/projectos das crianças resultavam em objectos lúdicos que eram por elas utilizados nas suas brincadeiras. Deste modo, as diversas aprendizagens (manipulação/experimentação de materiais, abordagem de conceitos matemáticos, linguísticos, gráficos, entre outros) eram cimentadas de forma espontânea.

Verificou-se também um maior envolvimento dos alunos nas actividades, uma valorização das suas várias inteligências (que não apenas a lógico-linguística), o

desenvolvimento do papel do professor das AEC como investigador dos processos de aprendizagem, uma articulação mais efectiva com os professores titulares de turma, uma diminuição dos níveis de indisciplina e uma melhoria significativa da auto-estima e da relação interpessoal dos alunos.

Assim, as AEC de Expressão Plástica passaram a ser um espaço onde tudo era possível: desde investigar os sólidos geométricos e a electricidade através da realização de uma maquete para uma cidade, passando pela revisão dos conhecimentos de História para se conceberem castelos em cartão e apetrechos medievais, até à sensibilização para a preservação da biosfera através da criação de murais com animais em vias de extinção. Os alunos passaram a dar asas à sua criatividade, tendo a possibilidade de usar inúmeros materiais e técnicas para dar forma às suas ideias, ao mesmo tempo que experienciavam aprendizagens significativas. No fundo, o próprio currículo acabava por, ainda que não intencionalmente, estar sempre presente.

Tudo isto concorreu para uma nova abordagem da Expressão Artística nas AEC, em particular numa das escolas do Agrupamento de Eixo, caminhando para aquilo que poderíamos chamar de “Atelier de Exploração e Investigação”. Nesta perspectiva, na área das expressões artística das AEC, a sala de aula passa a ser “transformada” num Atelier – um espaço de “provocação” e o centro sobre o qual giram as mais diversas actividades. No entanto, para que tal aconteça, importa estabelecer os princípios de uma outra concepção de Atelier, que não apenas aquele espaço onde as crianças podem desenhar, pintar ou modelar. A intenção será tornar este espaço um local rico em materiais onde se pode: aprofundar e exercitar a mão e a mente, aperfeiçoar a visão, desenvolver a aplicação gráfica e pictórica, sensibilizar o sentido estético, realizar projectos, aprender a dominar técnicas e matérias de trabalho, familiarizar-se com as semelhanças e diferenças das linguagens verbais e não-verbais. Partimos do princípio fundamental de que as crianças têm o direito de explorar múltiplas dimensões do ambiente que as rodeia e de se expressarem das mais diversas formas: através do desenho, pintura, barro, colagem, movimento, expressão dramática, fantoches, teatro de sombras, etc.. Desta forma, passamos a assumimos na nossa prática pedagógica a decisão de tomar a arte como meio privilegiado para representar o pensamento das crianças.

Distanciamos-nos assim, definitivamente, do conceito convencional de AEC, que também acaba por compartimentar as diversas áreas, para passarmos a criar e a proporcionar aos alunos um espaço único que sirva como um “fertilizante” transdisciplinar, cheio de vitalidade e capaz de dar as “boas-vindas” a diferentes formas de pensar, sem medo da “interferência” e “contaminação” mas considerando-as como uma possibilidade e não “fora do tema”.

Para uma abordagem sem barreiras

Precisamos de destruir os constrangimentos provocados pela excessiva ênfase numa ou duas linguagens, em disciplinas estanques, em categorias pré-concebidas. É possível oferecer uma educação escolar em que as diferentes linguagens sejam tratadas tanto de forma específica como interdisciplinar, e em que grupos de professores de diferentes áreas de competência possam planejar e partilhar experiências em conjunto.

A implementação de um espaço de actividades numa escola como o que foi anteriormente referido implica, necessariamente, o aumento de recursos e materiais disponíveis para os alunos, o que, por sua vez, melhorará as qualidades técnicas e formais dos seus trabalhos finais. Por detrás, deve permanecer a presença constante da dimensão estética como componente activadora da aprendizagem.

Todos os grandes pedagogos fizeram questão de notar que no processo de aprendizagem *esforço e prazer* caminham juntos. Este é o caminho que precisamos de procurar para os nossos alunos; talvez não seja o mais simples, no entanto, nada de verdadeiramente frutífero nasce sem dificuldades.